

ROBERT
A. J. GAGNON

A BÍBLIA E A PRÁTICA HOMOSSEXUAL

Textos e hermenêutica


VIDA NOVA

Essa é provavelmente a melhor e mais completa apresentação da posição conservadora. Em meio às muitas publicações sobre a atitude cristã diante da homossexualidade, *A Bíblia e a prática homossexual* destaca-se em razão de seu amplo conhecimento e da riqueza de detalhes. Uma obra acadêmica séria que expressa com sensibilidade e convicção o argumento contra as relações homossexuais.

I. HOWARD MARSHALL, professor emérito de Exegese do Novo Testamento, University of Aberdeen, Escócia. Autor de *Teologia do Novo Testamento* (Vida Nova)

Esse é um dos melhores tratamentos exegéticos e teológicos da questão que estão disponíveis hoje. Todos os interessados no tema precisarão levá-lo em conta.

DOUGLAS J. MOO, professor da cátedra Blanchard de Novo Testamento, Wheaton College, Estados Unidos. Autor de *Introdução ao Novo Testamento* (Vida Nova)

Esse é o exame mais completo que já li sobre as perspectivas bíblicas e teológicas (e várias outras) das relações homossexuais. *A Bíblia e a prática homossexual* é um grande feito e não deve ser lido de forma preconceituosa ou superficial. Um livro com o potencial de levar o debate sobre esse tema a um novo patamar.

MARION L. SOARDS, professor de Novo Testamento, Louisville Presbyterian Theological Seminary, Estados Unidos

Essa é uma obra de peso, brilhante e original, com um meticuloso conhecimento bíblico. É indispensável mesmo para quem discorda do autor.

JAMES BARR, professor de Bíblia hebraica, Vanderbilt University, Estados Unidos

O livro de Gagnon é bem escrito, bem organizado, com argumentos rigorosos e bem elaborados. Espero que seja lido por muitos.

C. K. BARRETT, professor emérito de Novo Testamento, Durham University, Inglaterra

Gagnon oferece um exame bem fundamentado, criterioso e abrangente do testemunho bíblico. Seu livro é justo e compassivo e deve ser considerado uma fonte importante para quem deseja levar a sério o testemunho das Escrituras.

Brevard S. Childs, professor emérito da cátedra Sterling de Teologia (Bíblia hebraica), Yale Divinity School, Estados Unidos

Gagnon deixa claro seu argumento ao defender, com base na Bíblia, a não aceitação de relacionamentos homossexuais. Demonstrando ampla erudição, certamente a obra de Gagnon estará na vanguarda em sua área e não poderá ser ignorada em debates futuros, nem mesmo por proponentes de visões discordantes.

Martti Nissinen, professor de Bíblia hebraica na University of Helsinki, Finlândia, e autor de *Homoeroticism in the biblical world*

Essa obra traz a análise mais refinada e persuasiva das informações bíblicas sobre o assunto à luz da cultura antiga e, ao mesmo tempo, expõe suas implicações para nossos dias de modo cuidadoso e bem argumentado. Sua contribuição é fundamental para desarmar o emocionalismo que envolve o debate. Mesmo quem defende outra posição poderá reconhecer o valor deste livro.

Jürgen Becker, professor de Novo Testamento, Christian-Albrechts University, Kiel, Alemanha

Creio que a obra de Gagnon proporciona o trabalho mais completo e satisfatório já produzido de análise e avaliação dos textos bíblicos. Está a par dos livros e artigos mais recentes, é meticulosa em sua exegese e sensível às questões hermenêuticas. É um estudo que nenhum estudioso sério deve ignorar.

David F. Wright, professor titular de História Eclesiástica, Universidade de Edimburgo, Escócia

Não tenho conhecimento de nenhum estudo equivalente sobre os textos e debates interpretativos em torno do comportamento homossexual. A abordagem do assunto por Gagnon capta a complexidade do debate e o faz com muita compaixão. Embora a obra não tenha tom polêmico, também fica claro que algumas autoridades reconhecidas sobre o assunto e amplamente citadas, bem como defensores contemporâneos da liberação sexual nessa área, têm interpretado equivocadamente informações históricas e textuais e usado de maneira equivocada dados científicos contemporâneos, argumentos clássicos e evidências pastorais.

Max L. Stackhouse, professor da cátedra Stephen Colwell de Ética Cristã, Princeton Theological Seminary, Estados Unidos

Esse estudo impressiona e leva o debate sobre uma área importante e veementemente questionada da ética cristã a um novo patamar. Gagnon articula e defende a visão tradicional, mas felizmente deixa de lado os batidos argumentos tradicionais. Nada é dado como certo. O livro é ao mesmo tempo contundente,

cuidadosamente nuançado, irênico, prático e justo. É uma leitura necessária para qualquer um que esteja seriamente interessado na ética sexual cristã.

John Nolland, professor de Novo Testamento, Trinity College, Bristol, Inglaterra

O livro de Gagnon é uma contribuição extremamente valiosa para o debate atual e merece ser lido amplamente. A exegese bíblica distingue-se pela erudição rigorosa, ao passo que a análise de como os textos bíblicos falam à igreja contemporânea e à sociedade secular caracteriza-se por uma avaliação equilibrada e sóbria e por uma atitude compreensiva com a situação presente. Recomendo esse livro de todo o coração.

C. E. B. Cranfield, professor emérito de Teologia (Novo Testamento), Universidade de Durham, Inglaterra, e autor de *Comentário de Romanos* (Vida Nova)

Acredito que essa obra será um clássico no debate em curso sobre o que a igreja tem a dizer sobre a homossexualidade.

Duane F. Watson, professor de Novo Testamento, Malone College, Estados Unidos

Em sua abrangência e rigor, o livro de Gagnon oferece uma contribuição extremamente esclarecedora, muito necessária, oportuna e inovadora. O livro é tão bem organizado que pastores podem facilmente usá-lo como obra de referência e é escrito com tanta clareza que leigos interessados conseguem acompanhar o raciocínio.

Ulrich W. Mauser, professor emérito da cátedra Otto A. Piper de Teologia Bíblica, Princeton Theological Seminary, Estados Unidos

O livro de Gagnon é extraordinariamente satisfatório. Escrito com a impecável erudição do autor, *A Bíblia e a prática homossexual* é abordagem pastoral compassiva do assunto.

Bruce M. Metzger, professor emérito da cátedra George L. Collard de Novo Testamento, Princeton Theological Seminary, Estados Unidos

Gagnon realiza um estudo minucioso dos textos bíblicos e interage de modo muito bem embasado com a variedade de visões contemporâneas sobre esses

textos. Seu argumento merece ser ouvido com toda atenção no contexto do debate mais amplo.

James D. G. Dunn, professor da cátedra Lightfoot de Teologia,
Universidade de Durham, Inglaterra

A BÍBLIA E A PRÁTICA HOMOSSEXUAL



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gagnon, Robert A. J.

A Bíblia e a prática homossexual : textos e hermenêutica / Gagnon ;
tradução de Marcio Loureiro Redondo. - São Paulo: Vida Nova, 2021.
544 p.

ISBN 978-85-275-1006-6

Título original: The Bible and homosexual practice: texts and
hermeneutics

1. Homossexualidade - Aspectos religiosos - Cristianismo 2. Bíblia –
Homossexualidade I. Título II. Redondo, Marcio Loureiro

19-2850

CDD 261.83576

Índices para catálogo sistemático

1. Homossexualidade - Aspectos religiosos

ROBERT
A. J. GAGNON

A BÍBLIA E A PRÁTICA HOMOSSEXUAL

Textos e hermenêutica

©2001, de Robert A. J. Gagnon

Título do original: *The Bible and homosexual practice: texts and hermeneutics*,
edição publicada por ABINGDON PRESS (Nashville, Tennessee, Estados Unidos).

Alguns trechos foram reproduzidos a partir das seguintes obras, com a devida permissão dos editores mencionados:

©1998, de Martti Nissinen (idem, *Homoeroticism in the biblical world*, Augsburg Fortress). ©1998, de Donald J. Wold (idem, *Out of order: homosexuality in the Bible and the ancient Near East*, Baker Book House). ©1996, de Richard B. Hays (idem, *The moral vision of the New Testament*, HarperCollins, Inc.). ©1996, de Bernadette J. Brooken (idem, *Love between women: early Christian responses to female homoeroticism*, University of Chicago Press). ©1980, de John Boswell (idem, *Christianity, social tolerance, and homosexuality: gay people in Western Europe from the beginning of the Christian era to the fourteenth century*, University of Chicago Press). ©1988, de David F. Greenberg (idem, *The construction of homosexuality*, University of Chicago Press).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas pelo autor
a partir do original grego/hebraico. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram
extraídas das versões cujas siglas constam em “Reduções gráficas”.

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Arthur Wesley Dück
Norma Braga

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Virginia Neumann
Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Daniel V. S. de Oliveira
Guilherme Lorenzetti

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

CAPA
Souto Marcas Vivas

Para minha esposa,
CAROL

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	15
<i>Reduções gráficas</i>	17
Introdução	31
Os riscos pessoais intrínsecos ao escrever um livro como este	31
Motivação para “sair do armário”	36
O argumento deste livro	43
1. O testemunho do Antigo Testamento	49
I. Os antecedentes do antigo Oriente Próximo.....	50
Mesopotâmia.....	51
Egito.....	57
O Império Hitita / Canaã / Resumo.....	60
II. Gênesis 1—3: relatos da Criação	62
III. Gênesis 9.20–27: o ato de Cam e a maldição de Noé	68
IV. Gênesis 19.4–11: a história de Sodoma e Gomorra.....	76
Outras interpretações antigas sobre o pecado de Sodoma	83
V. Juízes 19.22–25: o estupro da concubina do levita	95
Excurso: A imagem das mulheres em Juízes 19—21	101
VI. Prostituição cultural homossexual em Israel	105
VII. Levítico 18.22; 20.13: Leis	115
O significado de <i>tō'ēbā</i>	120
A questão da autoridade da lei levítica hoje	123
A influência de Levítico sobre Paulo abala sua credibilidade moral?	125
Por que a proibição da relação sexual entre homens?	132
(1) Conexão com a idolatria?	132
(2) Impossibilidade de procriação	135
(3) Contato do sêmen com excremento?	137
(4) Descomplementaridade de gênero como violação da ordem criada	139

A ausência de uma crítica explícita à relação sexual entre mulheres	145
VIII. Davi e Jônatas.....	149
IX. Conclusão	157
 2. O intercuro homossexual como prática “contrária à natureza” no judaísmo primitivo	161
I. Procriação	166
II. Descomplementaridade de gênero.....	171
III. Paixão excessiva	179
IV. Heterossexualidade animal	181
V. Conclusão	183
 3. O testemunho de Jesus	187
I. O contexto do judaísmo antigo e a ideia de Jesus sobre a Torá	190
II. A ideia de Jesus sobre Gênesis e a complementaridade entre homem e mulher	194
III. Desconstruindo o mito de um Jesus sexualmente tolerante	198
IV. Amor e retidão no ministério de Jesus.....	210
V. Conclusão	228
 4. O testemunho de Paulo e de Dêutero-Paulo	231
I. Romanos 1.24-27	231
Tradução e notas de tradução.....	232
Romanos 1.18—3.20 no âmbito da carta de Paulo e a situação em Roma	244
O argumento de Romanos 1.18-32: a supressão da verdade na criação/natureza.....	249
Romanos 1.26,27: intercuro homossexual como prática “contrária à natureza”	257
Para Paulo, a procriação tinha valor heurístico e prescritivo?	272
Paulo pensava que o comportamento homoerótico era “sujo”, mas não pecaminoso?	276
Romanos 2.1—3.20 condena aqueles que condenam a prática homossexual?	279
Paulo achava que somente adoradores de ídolos poderiam ter relações homossexuais?	287

Paulo não tinha em mente a Criação quando falou de intercurso homossexual?	292
Excurso: A afirmação de que Romanos 1.26 se refere a intercurso heterossexual.....	300
Excurso: Por que Paulo menciona primeiro relações homossexuais entre mulheres	303
II. As listas de falhas morais em 1Coríntios 6.9 e 1Timóteo 1.10	307
Tradução e introdução.....	308
O significado de <i>malakoi</i> em 1Coríntios 6.9	311
O significado de <i>arsenokoitai</i> em 1Coríntios 6.9	317
O significado de <i>arsenokoitais</i> em 1Timóteo 1.10.....	336
III. Conclusão	340
5. A relevância hermenêutica do testemunho bíblico	345
I. A Bíblia condena apenas formas abusadoras e pederásticas de homossexualidade.....	350
II. A Bíblia condena a homossexualidade basicamente por causa de sua ameaça ao domínio masculino	364
III. A Bíblia não tem categoria alguma para “homossexuais” com impulso orientado exclusivamente para pessoas do mesmo sexo; acreditava-se que a paixão pelo mesmo sexo tinha origem em heterossexuais com impulso sexual excessivamente forte	384
Uma observação a respeito do estudo de Schoedel sobre antigas teorias de causalidade	396
IV. A homossexualidade tem um componente genético que os autores da Bíblia não perceberam.....	399
Um cérebro homossexual?	400
Um gene homossexual?	403
Evidências de estudos com gêmeos idênticos	407
Influências hormonais intrauterinas?	411
Desconformidade de gênero na infância e a socialização de crianças	412
Estudos transculturais: variações extremas nas manifestações culturais da homossexualidade	418
O impacto da vida urbana e da educação	421

A elasticidade do comportamento sexual.....	423
Homossexuais podem mudar?	426
A relação dos dados científicos com as ideias de Paulo	435
V. Há poucos textos bíblicos que tratam diretamente da homossexualidade.....	438
VI. Não seguimos todas as determinações na Bíblia hoje em dia, então por que aquelas contrárias à conduta homossexual deveriam ser obrigatórias?	447
Excurso: A perspectiva bíblica da escravidão	449
A raridade de relacionamentos homossexuais monogâmicos permanentes	458
A analogia entre a inclusão de gentios na igreja primitiva e a afirmação contemporânea da homossexualidade	467
Excurso: Circuncisão e salvação no judaísmo	473
VII. Uma vez que, de qualquer maneira, somos todos pecadores, por que destacar o pecado das relações homossexuais?	477
Os efeitos negativos do endosso social da homossexualidade	479
Resumo	494
Conclusão	495
I. Recapitulação dos argumentos	495
II. Questões de política eclesiástica e pública	497
III. Uma palavra final.....	499
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	<i>503</i>
<i>Índice de fontes antigas</i>	<i>523</i>
<i>Índice onomástico</i>	<i>535</i>

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro sobre um tema controverso exige considerável incentivo ao longo do caminho. Os seguintes estudiosos tiveram a gentileza de ler o manuscrito e escrever comentários favoráveis para uso publicitário acerca da importância deste livro para o debate sobre a homossexualidade: James Barr, C. K. Barrett, John Barton, Richard Bauckham, Jürgen Becker, Brevard S. Childs, C. E. B. Cranfield, J. Andrew Dearman, James D. G. Dunn, I. Howard Marshall, Ulrich Mauser, Scot McKnight, Bruce M. Metzger, Douglas J. Moo, Jerome Murphy O'Connor, Terry C. Muck, James B. Nelson, Martii Nissinen, John Nolland, Marion L. Soards, Max L. Stackhouse, Frank Thielman, Duane F. Watson, Stephen Westerholm e David F. Wright.

Estendo agradecimentos especiais aos colegas do Pittsburgh Theological Seminary, que proporcionaram apoio, conselhos e oração durante a redação deste livro. Sou abençoado por fazer parte de uma instituição que honra o direito de cada membro do corpo docente de expressar e publicar convicções sinceras. A experiência de escrever este livro aprofundou, e não diminuiu, minha convicção de que não se pode esperar o benefício da liberdade acadêmica, a menos que se estenda a mesma graça a outros.

Finalmente, gostaria de agradecer ao dr. Joseph R. Cockrell, médico que durante as diferentes etapas de produção dos manuscritos generosamente leu o texto com o olhar de psiquiatra e neurologista, pontuando sua leitura com muitas sugestões úteis que melhoraram o texto. Sou grato também aos membros do meu grupo de estudo bíblico nas noites de quinta-feira que oraram comigo durante todo o processo de redação, à minha esposa Carol e às filhas, Caris e Eliana, cujas vidas estão inextricavelmente ligadas à minha e que compartilharam dos sacrifícios associados a este livro.

A Deus e ao Senhor Jesus Cristo seja a glória.

INTRODUÇÃO

Os riscos pessoais intrínsecos ao escrever um livro como este

“Você deveria procurar um psiquiatra”. “Onde você estava com a cabeça?”. Essas expressões são usadas na cultura contemporânea para expressar incredulidade diante das ações de alguém que se coloca desnecessariamente em risco. Com certeza essas expressões jamais foram tão apropriadas do que quando um professor de seminário escreve um livro sobre as passagens da Bíblia que tratam da homossexualidade e da interpretação desses textos, especialmente na perspectiva adotada neste livro.

Os motivos para questionar o bom senso de tal pessoa logo ficam aparentes. O debate que transcorre hoje na igreja e na cultura mais ampla sobre a homossexualidade não é nada menos que feroz. Entrar de corpo e alma na briga é pedir para ser atacado, muitas vezes com violência. Dificilmente essa situação volátil causa surpresa. Em poucas palavras, sexo é importante. O poderoso instinto de acasalamento embutido na espécie humana, com seu enorme potencial tanto para o prazer quanto para a dor, consome uma quantidade extraordinária do nosso tempo e de nossa energia enquanto tentamos descobrir como satisfazê-lo e domesticá-lo, com quem e quando, a fim de maximizar o prazer e minimizar a dor para nós mesmos e para os outros. O instinto de acasalamento pode ser canalizado para formar famílias, contribuir de um modo geral para uma sociedade estável e benéfica e promover a felicidade; mas também pode destruir esses bens sociais. Assim, há muita coisa em jogo em praticamente todas as questões que envolvem a ética sexual.

Nas esferas cultural, política, religiosa e estudantil de nossa vida, questões relacionadas à homossexualidade e a pessoas homossexuais são onipresentes e objeto de calorosa controvérsia. Protestos e contraprotestos sobre a representação de homossexuais na mídia parecem não ter fim. Os debates irados sobre políticas públicas e privadas tratam de questões como leis antidiscriminatórias em matéria de habitação e emprego; legislação contra o crime de ódio; leis que

redefinem o casamento e/ou reconhecem a união estável de casais homossexuais; programas educacionais e de treinamento que promovem a tolerância e a diversidade; apoio governamental às artes; restrições para o serviço militar; e verbas para pesquisas sobre a aids. A igreja — tanto congregações locais quanto denominações — divide-se por desentendimentos acalorados sobre a condição de cristãos homossexuais, seus relacionamentos e os impedimentos para o ministério. Um lado apela para declarações explícitas nas Escrituras sobre o intercurso homossexual, as estruturas da criação de Deus, princípios da santidade sexual, dois milênios de tradição eclesiástica, a influência do meio ambiente no desenvolvimento da homossexualidade, a exiguidade de relações homossexuais monogâmicas permanentes e os efeitos negativos do comportamento homossexual para a saúde. O outro lado aponta para a causa genética, o fruto de relacionamentos homossexuais afetuosos, a cosmovisão antiquada e a obsolescência de outros trechos das Escrituras, e virtudes cristãs como tolerância e inclusão. Hoje, no meio acadêmico, dizer o que se pensa é especialmente perigoso para aqueles que questionam a moralidade do intercurso homossexual. Declarar-se contra a intolerância às práticas sexuais funciona como símbolo de abertura intelectual e proporciona o sentimento tão estimado de pertencer à vanguarda da sociedade esclarecida. Há entre muitos membros da elite intelectual um viés inegável e intrínseco contra os defensores de valores sexuais tradicionais. Atitudes em relação à homossexualidade são coerentes com esse viés maior. É nesse contexto, bem consciente dos riscos, que apresento meu melhor argumento.

No jogo político de destruição pessoal, o primeiro risco é ser rotulado de *homofóbico*, termo que transmite a impressão de distúrbio psiquiátrico. Esse rótulo é empregado como parte de uma estratégia geral de intimidação para impedir o debate genuíno e menosprezar dissidentes sinceros. A desaprovação moral do comportamento pecaminoso — de comportamentos que são destrutivos para indivíduos e/ou para a sociedade ou são contrários à vontade de Deus — é diferente de medo, e essa distinção precisa ser feita para que o diálogo prossiga.

Um segundo risco é ser rotulado de *intolerante*, termo talvez aplicado como descrição geral da personalidade e não apenas como atitude negativa em relação ao intercurso homossexual. É importante ser claro quanto à definição de tolerância e a seu lugar entre as virtudes cristãs. Embora a tolerância possa

ser uma virtude em muitos casos, o amor ocupa um lugar superior em uma cosmovisão cristã (1Co 13.13). Amor e tolerância se sobrepõem, mas não são conceitos idênticos. A Bíblia descreve um Deus que ama o mundo inteiro, mas não tolera o pecado. Aliás, nos poucos casos em que ocorrem no texto bíblico, palavras que poderiam ser traduzidas por tolerância ou intolerância, em geral aparecem em contextos que *condenam* a tolerância da maldade e da imoralidade no meio do povo de Deus. Apocalipse 2.20 é um bom exemplo: “Mas tenho isto contra você: você tolera (*apheis*) aquela mulher Jezabel, que se diz profetisa e está ensinando e seduzindo meus servos a praticar fornicção (*porneusai*) e a comer comida sacrificada a ídolos” (NRSV).¹¹ É claro que o escasso uso positivo de *tolerância* e *tolerar* nas traduções em inglês não significa que o conceito de tolerância tenha pouca importância na Bíblia. Dois textos que vêm de imediato à mente são a determinação de Jesus para não julgar (Lc 6.37) e sua enérgica censura contra hipócritas que estavam ansiosos para tirar o cisco do olho dos outros, mas não enxergavam a trave em seus próprios olhos (Lc 6.41,42).²² A própria Bíblia também não está imune à crítica de intolerância em questões específicas. Ainda assim, as informações contidas na Bíblia devem levar as pessoas a parar e a refletir, antes de proclamarem a tolerância como a virtude central cristã ou da Bíblia. A tolerância a práticas sexuais imorais era uma perversão, não uma virtude. Então, em vez de elevar a

¹¹“Você tolera” é, nesse versículo, a tradução encontrada em quase todas as principais versões em inglês. Fora dos Apócrifos, a RSV emprega a palavra *tolerar* apenas uma vez em outra passagem: a saber, Ester 3.8 (a calúnia por Hamã ao rei de que os judeus “não guardam as leis do rei, de modo que não é proveitoso para o rei tolerá-los” [de modo parecido REB, NAB, NIV; NASB: “deixá-los que fiquem”], *lēhamnîhām*, hifil de *nuḥ* = “colocar; abandonar, deixar, permitir, deixar a sós”); cf. 2Esdras 15.8 (“nem tolerarei as práticas iníquas deles”); 3Macabeus 1.22 (judeus mais ousados não “tolerariam” os planos iníquos do rei). A esses casos a NRSV acrescenta: Salmos 101.5 (“Um olhar altivo e um coração arrogante não tolerarei” [a maioria: “suportarei”], de *yākal* = “ser capaz; suportar”); Miqueias 6.11 (“Porventura posso tolerar balanças iníquas...?” [RSV, NIV, NAB: “Deverei absolver”; REB, NJB: “Posso ser conivente com”], de *zākā* = “ser puro, irrepreensível, justificado, considerado justo” [qal] ou, caso vocalizado como piel, “justificar [o uso de]”]; Apocalipse 2.2 (“Sei que você não consegue tolerar malfetores” [de modo parecido NAB, NIV; RSV: “aguentar”; NASB: “suportar”; REB: “aturar”; NJB: “sobrelevar”], *bastazō* = “suportar, aguentar, sobrelevar” [BAGD], cf. Susana 1.57 (“não toleraria a sua iniquidade”). Além de Ester 3.8; Apocalipse 2.2,20, a NAB traduz “tolerar” em Gênesis 34.7 (o estupro de Diná por Siquém era um ato que “não podia ser tolerado”, lit., “não devia ser feito”, nifal de *āsā*); 2Timóteo 4.3 (“Pois virá o tempo em que as pessoas não tolerarão (*anexontai*) a sã doutrina” [RSV, NASB: “suportar”; NRSV, NIV: “aturar”; REB: “sobrelevar”; NJB: “aceitar”], *anechō* = “suportar, aguentar, aturar” [BAGD])).

²²Observe, no entanto, a declaração final do segundo texto, que pressupõe uma maneira apropriada de admoestar os outros contra o mal: “Primeiro tire o tronco de seu próprio olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão”.

tolerância à posição mais elevada, talvez seja melhor exaltar uma das virtudes cristãs que Paulo cita como frutos do Espírito em Gálatas 5.22,23: “Amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fé/fidelidade, mansidão e autocontrole”. Ao contrário da palavra *tolerância*, nenhuma dessas virtudes implica qualquer diminuição da firmeza moral contra o comportamento pecaminoso. Se o intercurso homossexual é de fato pecado, o apelo à tolerância estará geralmente deslocado.

Em terceiro lugar, críticos do comportamento homossexual correm o risco de serem rotulados de *exclusivistas* e *resistentes à diversidade*. Assim como acontece com o uso das palavras *tolerante* e *intolerante*, esses rótulos obscurecem o verdadeiro conflito, a saber, se alguém pode decidir que o comportamento em questão é ou não pecaminoso/prejudicial. Ninguém em nenhum dos dois lados do debate sobre a homossexualidade quer a aceitação de comportamento nocivo nem ampliar a diversidade para incluir o pecado.

Um quarto risco assumido pelos estudiosos bíblicos ou teólogos que escrevem textos críticos ao comportamento homossexual é ser rotulado de *acrítico*. No entanto, os estudos críticos não levam de modo algum, mediante raciocínio linear, à conclusão de que os textos bíblicos que condenam o intercurso homossexual devem ser desconsiderados, embora alguns pareçam pressupor isso como um fato natural. Com a palavra *crítico* a maioria das pessoas na igreja quer dizer que não se pode interpretar ao pé da letra tudo o que a Bíblia diz. Em outras palavras, o texto precisa ser interpretado por meio de uma lente hermenêutica, o contexto antigo e correntes contemporâneas precisam ser considerados, e tem de haver alguma abertura para a possibilidade de que determinado autor ou autores de um texto bíblico talvez estejam refletindo um viés pessoal ou cultural. Com essa abordagem estou basicamente de acordo. Mas, acerca dessa questão (como acerca de qualquer outra), caso se possa demonstrar que na Bíblia há uma posição clara, inequívoca e generalizada — ao longo dos Testamentos e aceita pelos quase dois milênios de existência da igreja —, então o ônus da prova recai sobre aqueles que na igreja adotam uma abordagem radicalmente diferente da questão. De qualquer maneira, abordagens acríicas da Bíblia podem surgir em todos os círculos teológicos.

Em quinto lugar, os estudiosos que questionam publicamente a moralidade do comportamento homossexual podem ser acusados de *apegarem-se* a padrões morais ultrapassados ou a *concepções primitivas da sexualidade*. Mas

esses rótulos levantam a questão de como saber o que é ultrapassado. Acaso algo é ultrapassado simplesmente por ter uma longa história? Pelo contrário, a antiguidade e a durabilidade de determinada proibição contra condutas imorais indicam, com frequência, sua exequibilidade, eficácia e flexibilidade como modelo cultural, e não sua irrelevância contemporânea.

Em sexto lugar, alguns talvez sustentem que escrever um livro como este pode *dar ao debate sobre a homossexualidade uma importância imerecida*. É claro que todos lamentamos a quantidade de tempo, de energia e de recursos que têm sido gastos na questão. Mas, ao que parece, em geral as pessoas sentem que a única coisa pior do que fazer a igreja e a sociedade dedicar uma atenção tão grande à questão é desistir e deixar que o outro lado controle todas as linhas de ação, quer públicas, quer privadas, quer seculares, quer religiosas. O volume de atenção dedicado ao debate sobre a homossexualidade está relacionado não somente à importância da questão (na Bíblia e empiricamente), mas também à ausência de um claro consenso a partir do qual se possam formular decisões normativas e ao fato de que uma mudança fundamental nas atitudes está por um fio.

Por fim, alguns objetarão que um livro como este *instiga a violência contra os homossexuais*, ainda que os leitores deste livro sejam incentivados a serem respeitosos em seus contatos pessoais com homossexuais. Embora a violência anti-homossexual mereça ser vigorosamente denunciada, não é bom ignorar a forma perigosa com que episódios isolados e relativamente raros de violência contra homossexuais têm sido explorados para sufocar a liberdade de expressão e constranger a sociedade a endossar a prática homossexual. Quatro destaques são pertinentes aqui. Primeiro, se os defensores do intercuro homossexual realmente estão interessados em restringir atos de violência contra homossexuais, a melhor coisa a fazer é seguirem os exemplos de diálogo civilizado dados por pessoas que se opõem ao intercuro homossexual. Segundo, a tradição da reação de Jesus à mulher apanhada em adultério em João 7.53—8.11 (ironicamente um dos textos fora de contexto favoritos para cristãos que defendem a aceitação do comportamento homossexual) tem muito a nos ensinar. Na história, Jesus não recua em sua oposição ao adultério, embora em Israel mulheres adúlteras enfrentassem a perspectiva de violência pela multidão; ele chama o adultério de pecado e ordena à mulher que mude seu comportamento (8.11). A solução de Jesus não é tolerar o adultério, mas fazer uma distinção